



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

SABRINA OLIVEIRA RIBEIRO

**MEMÓRIAS DE UMA (TRANS)FORMAÇÃO:
Tornando-me Educadora do campo para o campo**

**MARABÁ
2022**

SABRINA OLIVEIRA RIBEIRO

**MEMÓRIAS DE UMA (TRANS)FORMAÇÃO:
Tornando-me Educadora do campo para o campo**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Memorial de Formação –
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Educação do
Campo, Universidade Federal do
Sul e Sudeste do Pará, como
requisito para obtenção do título de
Licenciada em Educação do
Campo, com ênfase na área de
Letras e linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Bonfim
Queiroz Lima

MARABÁ
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação(CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho**

R484m Ribeiro, Sabrina Oliveira
Memórias de uma (trans)formação: tornando-me educadora
do campo para o campo / Sabrina Oliveira Ribeiro. — 2022.
44 f.

Orientador(a): Bonfim Queiroz Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas,
Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena
em Educação do Campo, Marabá, 2022.

1. Memória autobiográfica. 2. Ribeiro, Sabrina Oliveira,
1995 - Narrativas pessoais. 3. Professores - Formação. 4.
Educação do campo. I. Lima, Bonfim Queiroz, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 920.72

Elaborado por Renata Souza – CRB-2/1586

SABRINA OLIVEIRA RIBEIRO

**MEMÓRIAS DE UMA (TRANS)FORMAÇÃO:
Tornando-me Educadora do campo para o campo**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Memorial de Formação –
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Educação do
Campo, Universidade Federal do
Sul e Sudeste do Pará, como
requisito para obtenção do título de
Licenciada em Educação do
Campo, com ênfase na área de
Letras e linguagens.

Data da aprovação: Marabá (PA), ____ de _____ de 2022

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Bonfim Queiroz Lima (FECAMPO/ICH)
Orientadora

Profa. Dra. Fidelainy Sousa Silva (SEMED/MARABÁ)
Examinador Externo

Profa. Dra. Maura Pereira dos Anjos (FECAMPO/ICH)
Examinador Interno

Dedico este memorial ao meu filho, meus pais, meu esposo, e toda minha família, que sempre me apoiou e me ajudou. Aos docentes que ajudaram, para que hoje esse sonho fosse realizado, e principalmente a minha Orientadora Bonfim Queiroz, por sua paciência e sempre me incentivando a continuar, mesmo nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por proporcionar essa oportunidade na minha vida e guiar meu caminho.

A minha mãe, que sempre me apoiou e me incentivou e que sempre foi e é para mim um exemplo a ser seguido.

Ao meu esposo, que sempre me apoiou com palavras e sempre me ajudou no que fosse preciso nessa jornada.

A toda minha família, que sempre estava ali nos momentos que precisei principalmente para cuidar do meu filho.

À comunidade, que me apoiou em todos os meus trabalhos de pesquisas, sempre me fornecendo informações necessárias.

A todos os colegas, que assim como eu, estavam em busca desse sonho e conseguiram.

A todos da Educação do Campo, que sempre estavam ali prontos para nos ajudar.

RESUMO

O presente trabalho refere-se a um Memorial Formativo, tem como objetivo apresentar um pouco da minha história de vida, entrelaçando com a minha vida acadêmica e as experiências vividas durante o curso de Licenciatura em Educação do campo. Narrando também minha ligação com o campo e destacando sobre meus trabalhos acadêmicos, e os aprendizados que obtive no curso. Produzir essas reflexões fundamentada nos respectivos teóricos como Arroyo (1999), Caldart (2003 e 2020), Freire (1986 e 1987) entre outros. Presumo que este memorial sirva para que os alunos do Curso de Licenciatura em Educação do campo, observem e compreendam, aprendizados e resultados obtidos durante a formação.

Palavras-Chaves: Memorial. Licenciatura em Educação do Campo. História de vida

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REENCONTRO COM O CAMPO	9
2.1 As origens dos Familiares	9
2.2 Volta Inesperada (Retorno ao campo)	12
2.3 O pertencimento a Comunidade	14
3 PERCURSO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO	18
3.1 Processo seletivo e seus Desafios	18
3.3 Pesquisa Socioeducacional I, II e III - Tempo Comunidade	21
3.4 Definindo a ênfase - Uma mudança repentina	27
3.5 Pesquisa Socioeducacional IV e V - Adentrando na Cultura Local	29
3.6 Pesquisa Socioeducacional VI e VII- Pandemia (Covid19)	34
3.7 Aprendizados adquiridos	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um Memorial de formação, em que descrevo sobre a minha trajetória de vida até minha entrada na Faculdade de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (FECAMPO/UNIFESSPA). Refletindo sobre minhas experiências vividas até a chegada no curso de Licenciatura em Educação do Campo, narrando essas vivências com o auxílio de alguns autores que contribuíram na minha formação durante os anos de estudo. Este memorial tem como objetivo ressaltar minhas experiências adquiridas ao longo do meu processo formativo no decorrer do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Para a realização do memorial, revisei minhas pesquisas socioeducacionais, que foram feitas no tempo comunidade, na localidade em que moro, Vicinal Três Irmãos, realizei pesquisa no acervo de Trabalhos de Conclusão de Cursos da FECAMPO. Durante as minhas reflexões tive a contribuição de alguns referenciais teóricos como Arroyo (1999), Caldart (2003), Freire (1986) entre outros, que me auxiliaram na escrita.

Este memorial está organizado em dois capítulos: Reencontro com o Campo e Ingresso na Faculdade de Educação do Campo, onde cada capítulo está separado por seções. No primeiro Capítulo, abordo um pouco sobre minha história de vida, e meu pertencimento a comunidade em que resido atualmente Vicinal Três Irmãos, como o curso de Educação do campo foi importante para que eu pudesse aprender a valorizar a cultura dessa região, neste capítulo apresento as sessões: Às origens dos familiares; Volta Inesperada (Retorno ao campo); O pertencimento a comunidade.

No segundo capítulo, trago reflexões sobre minha trajetória acadêmica, como foi minha entrada no curso de educação do campo, as dificuldades enfrentadas e aprendizados que obtive na realização das pesquisas Sócio-educacionais durante os Tempos Comunidade, as experiências obtidas durante as aulas no Tempo Universidade e meu lugar como educadora do campo, as sessões são: Processo seletivo e seus desafios; Primeira etapa - Viagem de campo; Pesquisa Sócio-Educacional I,II e III - Tempo Comunidade; Definindo a ênfase - Uma mudança repentina; Pesquisa Sócio-Educacional IV e V - Adentrando na Cultura Local; Pesquisa Sócio- Educacional VI e VII- Pandemia (Covid19); Aprendizados Adquirido.

2 REENCONTRO COM O CAMPO

Neste capítulo trarei memórias nas quais narro sobre as origens da minha família, sobre a minha ligação com o campo, explico como foi para mim morar na zona rural, como me encontrei na comunidade da vicinal Três Irmãos, sempre trazendo uma fala em relação a produção de farinha da comunidade. Ressalto a importância do curso de Licenciatura em Educação do Campo, o qual me ajudou a valorizar os saberes culturais da comunidade em que moro.

Trazer essas lembranças não é fácil, escrever sobre si mesmo é um processo difícil, Souza (2007) diz:

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura[...] (SOUZA 2007 p. 63).

2.1 As origens dos Familiares

Sou Sabrina Oliveira Ribeiro, nascida e criada no município de São Domingos do Araguaia, Pará. Desde que nasci morei na cidade, porém sempre tive uma ligação com o campo. A família do meu pai, José Ribeiro da Silva, morava no interior do Maranhão, vinha de uma cidade pequena chamada Sítio Novo. Vieram para esse estado em busca de uma vida melhor no campo, pois onde moravam constantemente ouviam falas como: “no Pará as terras são boas”, “terras de muita fartura”. Chegando aqui, meus avós paternos João e Maria Iracema, não tiveram dinheiro para comprar um pedaço de terra, por esse motivo se estabeleceram na cidade, devido à falta de dinheiro e emprego, meu avô resolveu se aventurar no Garimpo de Serra Pelada, enquanto meu avô ficava no garimpo tentando arrumar um pouco de dinheiro, minha avó ficava na cidade arrumando o sustento da família como podia, seus filhos iam para rua vender geladinho e bolo, depois um certo período meu avô desistiu do garimpo e ficou trabalhando só na cidade mesmo.

Minha mãe, Roseanea Oliveira Da Silva, nasceu em Lagoa de São de Bento, um pequeno município no interior do Tocantins. Nesta cidade a vida dos meus avôs era bem sofrida, pois meu avô trabalhava nas roças, capinando, roçando juquira para conseguir o sustento de sua família, devido às necessidades e na cidade não está aparecendo mais emprego, meu avô e minha avó maternos, vieram embora para o Pará com toda sua família. Eles conseguiram comprar um pedacinho de terra nas proximidades do município de São Domingos do Araguaia, em uma vila chamada Almescão I, onde criaram os seus 5 filhos. Como as dificuldades em relação à educação naquele tempo eram ainda mais precárias do que hoje em dia, e não havia escola no campo, eles conseguiram comprar uma casa na cidade, onde seus filhos ficavam para estudar durante a semana e no final de semana retornavam para a roça, para ajudar nas plantações e no sustento da família.

Desde muito nova, minha mãe teve uma vida bastante corrida, pois estudava a semana toda, e, nos finais de semana e nas férias, ia para a roça ajudar meus avós nas plantações e no que fosse necessário, devido às dificuldades enfrentadas nessa jornada, de estar no campo e na cidade, minha mãe sempre valorizou muito os estudos e o esforço que seus pais fizeram para que ela e seus irmãos pudessem ter uma boa educação.

Pode-se aqui analisar, que a Licenciatura em Educação do Campo nunca foi valorizada, fazendo com que os camponeses tivessem que escolher entre deixar seus filhos sem uma educação ou fazer o sacrifício de mandá-los para a cidade, a procura de uma forma de não serem “ignorantes” como muitos foram e são apontados. Um saber que era negado e que até hoje ainda podemos vivenciar, de acordo com ARROYO (1999, p. 22), “[...]. A escola, os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura, a formação que acontece fora da escola.”

Com 18 anos de idade, minha mãe se casou com meu pai. Eles se conheciam desde pequenos, pois eram vizinhos. Passados alguns meses após o casamento, eu nasci, sou a filha mais velha de três irmãos. Fui a primogênita, depois vieram meu irmão e minha irmã. Quando minha mãe se casou, ela ainda estudava, mesmo com todas as dificuldades, ela conseguiu concluir o ensino médio e fazer magistério. Deste modo, logo depois de formada, conseguiu ingressar como professora contratada da educação infantil, depois de dois anos, ela passou no concurso público na cidade em que mora, São Domingos do Araguaia.

Já com os filhos crescidos, minha mãe conquistou o sonho de realizar um curso superior, porém esse sonho também tinha suas dificuldades para ser realizado, pois na cidade só tinha faculdade particular e para ela o custo seria alto, mesmo com a dificuldade financeira ela conseguiu esse tão esperado sonho. Assim concluiu Licenciatura em Letras/espanhol. Meu pai, por outro lado, não finalizou os estudos, cursando somente o fundamental I, depois de muitos anos ele passou no concurso municipal, atualmente trabalha como vigilante escolar, deste modo consegue conciliar com sua outra profissão de pedreiro.

Como já mencionado, eu sou filha e neta de agricultores. Sempre morei na cidade, entretanto minha ligação com o campo é desde que eu nasci, estive na roça nas terras dos meus avós. Quando criança, nossa família sempre teve o hábito de se reunir na chácara dos meus avós maternos. Com o passar dos anos, meus avós foram envelhecendo, e foram embora da roça e sua terra ficou mas como forma de lazer.

Comecei a estudar bem pequena, com 3 anos de idade já estava na escola. Com 5 anos, já sabia ler e escrever. Em relação aos meus estudos, durante a minha infância, não tive dificuldades, pois morava na cidade. Devido a minha mãe ser professora e ter vivenciado as dificuldades enfrentadas para obter um bom estudo, ela todo tempo se importou muito com nossa educação, porém eu também tinha que ajudar minha mãe em casa com as tarefas domésticas. Estudei em escola pública, me esforçava muito para nunca repetir de ano. Durante meus tempos de meninice, a minha vida era intercalada com minha convivência na zona urbana e no campo. Nas férias escolares eu ia para roça com minha avó materna, a dona Rita. Na terra, meus avós trabalhavam com a criação de gado leiteiro, plantavam de quase tudo um pouco como, feijão, abóbora, milho entre outros, criavam galinhas e porcos somente para o consumo, para mim e meus primos aqueles momentos no campo eram os melhores.

Com dezesseis anos concluí o ensino médio, muito nova e permanentemente querendo estar me divertindo, deixei os estudos de lado. Logo em 2012 comecei a participar do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), onde era monitora em um projeto com crianças, depois de alguns anos como monitora, me afastei do Movimento das Quebradeiras de Coco, nesse período eu não estava muito interessada em estudo, mas minha mãe, por outro lado, sempre me incentivando a estudar, sem condições financeiras para pagar uma faculdade particular, ela me estimulou a cursar o magistério. Mesmo sem querer, eu finalizei o curso, nesse tempo nem passava pela minha cabeça ser educadora, sempre

demonstrava a ela que eu não queria ser professora, porque era uma profissão muito desvalorizada.

2.2 Volta Inesperada (Retorno ao campo)

Com a conclusão do curso de Magistério, fiquei sem estudar. Com o passar dos tempos uma colega me levou a uma vicinal chamada Três irmãos, onde morava a madrinha dela, nessas idas e vindas conheci o Leonardo. No dia 12 de junho de 2013, começamos a namorar, ele era um garoto bem diferente de mim e ao mesmo tempo parecido. Eu era a típica menina que não queria namorar meninos da roça e ele nasceu e foi criado na zona rural de São Domingos do Araguaia. Nesse momento da minha vida, só pensava em aproveitar a vida, queria viver aquele momento. Com quatro meses de namoro, descobri que eu estava grávida, foi inesperado, mas “quem tá na chuva é para se molhar”. Durante esse período, senti que eu tinha sido uma grande decepção para minha família e, principalmente, para minha mãe, visto que ela sempre via em mim uma pessoa que iria prosseguir nos estudos e se formar na faculdade, o que não se espera de uma adolescente de dezoito anos grávida.

Leonardo, meu namorado e atual esposo, foi na casa de meus pais para falar da minha situação e dizer que queria se casar comigo. Sem palavras e, ao mesmo tempo, em choque, meus pais aceitaram. Aliás, não tinham muito o que fazer nessa situação. Logo que souberam sobre o meu casamento, em vez de ser parabenizada, fui um pouco questionada. Algumas pessoas chegaram a me falar, “nossa você tá louca, sair da cidade para morar na roça”, foram palavras que em certos momentos acreditei, achei que morando na zona rural eu não voltaria mais a estudar. Esses pensamentos só fortalecem ainda mais o preconceito com o campo, de que a pessoa que mora na zona rural não tem por que estudar, de que a escola do campo é um lugar, em que não se pode e nem deve se formar pessoas capazes de refletir.

Arroyo (1999) mostra como a escola e as pessoas do campo são vistas, ele afirma que.

[...] Percebi que estas experiências educativas não têm uma concepção simplista da educação, a imagem que sempre temos na academia, na política, nos governos é que para a escolinha rural qualquer coisa serve. Para mexer com a enxada não precisa de muitas letras. Para sobreviver com uns trocados, para não levar manta na feira, não precisa de muitas letras. Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo, tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde

uma professora que quase não sabe ler, ensina alguém a não saber quase ler (ARROYO, 1999, p. 16).

No dia 08 de fevereiro de 2014, aconteceu nosso casamento, foi um momento lindo como um sonho. Já casada, vim morar onde meu esposo nasceu e se criou, uma pequena comunidade chamada Vicinal Três Irmãos. Assim que cheguei na comunidade, fui morar com meus sogros, já que ainda não tínhamos casa. No início, foi meio difícil para eu conseguir me adaptar a essa nova rotina de vida, pois viver na cidade é completamente diferente de viver no campo, apesar de gostar de estar em contato com esse meio rural, eu tive dificuldades. Morar na zona rural e passear, são situações completamente diferentes.

Em 2016, depois de já estar morando na zona rural, apareceu a oportunidade para eu assumir a assessoria do MIQCB, em um período de seis meses, seria uma substituição da assessora do MQCB, para uma retirada de licença maternidade. Fiquei meio aflita em aceitar o convite, mas acabei aceitando. Fazer parte dessa associação, me ajudou a me adaptar ao meio em que eu estava morando atualmente, depois do término do período de licença, fiquei somente em casa novamente, voltando a velha rotina.

Estando em casa, sem fazer nada, vinham as preocupações: “como seria minha vida aqui, será que eu ainda vou estudar, agora mãe, casada e ainda morando longe da cidade” Nessa fase da minha vida, pensava muito se eu ainda iria ter a oportunidade de estudar, até aquele momento eu não via o campo com outros olhos, não via como um lugar marcado pela diversidade cultural étnico racial, pela multiplicidade de geração e recriação de saberes, de conhecimentos que são organizados com lógicas diferentes, de lutas, de mobilização social, de estratégias de sustentabilidade, como apontam Rocha, Passos e Carvalho [s.d.]. Portanto eu ainda não estava ciente das riquezas culturais e aprendizagens que aqui eu poderia ter.

Nesse começo, eu sentia muita falta da minha família, e principalmente da minha mãe. Como não estava ainda habituada ao lugar, sempre que eu encontrava uma carona, estava indo à cidade. Havia momentos em que eu chorava muito, não era arrependimento de casar, era tristeza por saudade. No campo, todo mundo levanta bem cedo, e para mim isso foi uma dificuldade, pois eu sempre acordei mais tarde na casa dos meus pais. Minha sogra, uma mulher que nasceu e se criou na zona

rural, já amanhecia bastante agitada, cedo já ia varrer o quintal, fazer merenda, arrumar a casa e depois ia para o brejo lavar roupa.

Fui bem acolhida por todos. Na casa dos meus sogros eu me sentia um pouco com vergonha, mas eles sempre fizeram de tudo para me deixar à vontade. Morando com eles eu mudei meus hábitos alimentares, na cidade a única carne de caça que eu já havia comido era o tatu e a paca. com eles eu comia outras caças que não conhecia, pois sempre costumavam ir ao mato para poder buscar misturas. Nem sempre comemos carne de gado, era sempre intercalado com algumas caças do mato.

Uma das coisas que mais me chamou atenção na comunidade foi a produção de farinha, pois eu nunca havia visto como era produzida a farinha, e aqui, até hoje, eles a fabricam manualmente. Para a produção de farinha eles arrancam a mandioca, a deixam no barracão, local onde todos se reúnem para raspar a mandioca, desde os mais pequenos aos mais velhos. Eles utilizam de um raspador, que ajuda na hora de tirar a casca da mandioca, eu não ia muito raspar mandioca pois não sabia muito bem.

Depois de raspada a mandioca é ralada e posteriormente prensada, e, no outro dia, torrada no forno manualmente. Quando cheguei aqui sempre levantavam de madrugada umas 3:00 horas da manhã para torrar a farinha, um processo muito cansativo, e desvalorizado. Mesmo com todo esse sofrimento na hora da produção da farinha, o que admirei na comunidade foi a união de todos, pois sempre se reuniam para ajudar uns aos outros nos seus dias de produção. As pessoas do campo têm a vantagem de estarem se ajudando da forma que podem. Com o passar dos tempos, estava me sentindo bem nesse ambiente, já estava conseguindo me ver vivendo na comunidade, fui aprendendo a valorizar as riquezas e os saberes que o campo poderia me proporcionar.

2.3 O pertencimento a Comunidade

Vicinal Três Irmãos é uma pequena comunidade que fica localizada na zona rural, faz parte do município de São Domingos do Araguaia. No início, na região eram somente terras, não haviam muitas casas. Com o passar dos anos, foram chegando pessoas de várias regiões, a vicinal é constituída por pessoas de muitos lugares como: Maranhão, Bahia, Tocantins entre outros.

O nome da comunidade surgiu através de uma homenagem, que foi feita aos pioneiros da comunidade, pois eram três irmãos que moravam ali naquela região, como vizinhos uns dos outros. Quando se falava no lugar, sempre se referiam dizendo “vamos lá nós três irmãos”, assim ficou o nome. A comunidade não foi marcada por conflitos na sua constituição, foi uma posse pacífica, segundo o que os moradores mais velhos sempre comentam, “eles botaram três irmãos porque ali em baixo, no seu Raimundo feliz era três irmãos que moravam que era Luca, Ogeno, e Joaquim Cabral, eram três irmãos, aí por isso lá botaram três irmãos”. (Informação verbal¹)

A comunidade da Vicinal Três Irmãos esta divididas em duas religiões: católica e evangélica, sendo que a maior parte é evangélica. Há também duas igrejas, uma evangélica e a outra católica. Sempre ouço os mais velhos falarem das dificuldades que tiveram para conseguir uma igreja católica para a região, pois no início não tinha, e as celebrações eram ao ar livre. Para manter suas igrejas, os fiéis costumam organizar eventos, que arrecadam fundos para a manutenção das igrejas: como os festejos que acontecem no final do mês de junho, realizado pela igreja católica e eventos de pregação, como campanha na igreja evangélica.

Com o passar dos anos, a comunidade cresceu um pouco, os filhos e netos de alguns antigos moradores ainda continuam na região, são mais ou menos umas vinte e seis famílias que compõem a comunidade atualmente. A principal fonte de renda da comunidade é a produção de farinha, desde os mais antigos até os mais novos fazem essa prática.

Na região são várias farinheiras, cada uma composta por um grupo de famílias, ou seja, a região é dividida por pequenas famílias que se juntam e têm suas farinheiras compartilhadas. Todo o serviço de produção de farinha, desde o plantio até a colheita e a produção da farinha, tudo é feito pelos familiares em conjunto, às vezes, são contratadas algumas pessoas de fora, para ajudar na torração.

Como explica Rocha, Passos e Carvalho (s.d), que no campo as pessoas compõem o lugar em que vivem como um território de amizade e companheirismo.

O conceito de campo pode ser melhor compreendido a partir do conceito de território como lugar marcado pelo humano. São lugares simbólicos permeados pela diversidade cultural, étnico racial, pela multiplicidade de geração e recriação de saberes, de conhecimentos que são organizados com lógicas diferentes, de lutas, de mobilização social, de estratégias de sustentabilidade. Assim, o desenvolvimento

¹ Entrevista fornecida por Domingas cedida a Sabrina Oliveira Ribeiro, em 2017

humano e o fortalecimento do capital social, por meio de vínculos sociais, culturais e de relações de pertencimento a um determinado lugar, a um espaço vivido são imprescindíveis para o desenvolvimento territorial sustentável.” (ROCHA, PASSOS E CARVALHO [s.d.] p. 03)

Infelizmente a produção de farinha não é vista como uma forma cultural na região, sendo assim considerada mais fortemente como um meio de ganhar a vida. Hoje em dia, os mais jovens estão perdendo o interesse em continuar a produção de farinha, pois a renda dessa produção não está mais dando para o sustento de suas famílias. Assim, muitos jovens estão mudando para cidades vizinhas, e outros se empregando em fazendas próximas a comunidade.

Até o ano de 2021, não havia Associação de trabalhadores rurais na comunidade, mas nesse ano de 2022, começaram a se reunir e organizar novamente o sindicato. Segundo comentários, dos moradores mais antigos, havia uma Associação, porém como não havia quem tomasse de conta, deixou de existir. Nesse ano, começaram a organizar novamente, possibilitando aos produtores rurais garantirem alguns de seus direitos.

Após essa renovação da Associação dos trabalhadores da vicinal três irmãos, fizeram uma grande proposta a todos da comunidade, realizar o primeiro festival de mandioca. Com o objetivo mostrar e enfatizar que a produção de farinha na comunidade não é somente uma forma de garantir o sustento, mas, também, uma expressão cultural da comunidade.

Com a realização desse festival, queremos que a comunidade seja mais vista, nos possibilitando melhorar a produção de farinha da região, possibilitando aos trabalhadores terem mais conhecimento sobre assuntos relacionando a produção de farinha, como palestras e cursos que os auxiliem na cultura da mandioca e na produção da terra.

O primeiro festival da mandioca será realizado dia 10 de julho de 2022 e, de acordo com as reuniões da comunidade, será realizado todos os anos. Nesse festival, serão fornecidos alimentos e comidas típicas, somente de derivados da mandioca. Os agricultores vão expor seus produtos, para assim chamar mais atenção para essa produção, para que seja um pouco mais valorizada.

Como incentivo ao entretenimento da comunidade, e para que todos se empenhem nessa jornada, teremos também a realização do primeiro concurso da miss mandioca, que será eleita e representará a comunidade e o nosso festival.

Quando cheguei à comunidade, não me sentia à vontade para viver aqui, era como se esse não fosse o meu lugar, depois de ingressar no curso de Licenciatura em Educação do Campo e aprender a valorizar mais os saberes culturais dessa região, comecei a ver as coisas de outra forma, a identificar as lutas e aprendi a dar valor as pequenas coisas da vida, vi que a produção de farinha, muito além de ser uma forma de obter renda, é também uma forma de manter viva a história e a luta de todos que por aqui passaram.

3 PERCURSO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Neste capítulo, falo sobre como soube sobre o curso de Licenciatura em Educação do Campo, minhas expectativas em relação ao curso, os desafios enfrentados durante a realização do processo seletivo, minhas experiências nas pesquisas do tempo comunidade e tempo universidade.

3.1 Processo seletivo e seus Desafios

Soube do curso por uma colega, que era aluna da turma 2015 e mora aqui perto da comunidade. Ela sempre me falava do curso, mas como meu filho era bem pequeno, eu não tinha me interessado. No final de 2016, ela informou que iriam sair as inscrições do processo seletivo em 2017. Eu não estava muito afim de me inscrever, pois pensava que não teria chances de passar, ficava imaginando “Universidade Federal, deve ser muito difícil a prova”. Também pensei na questão do meu filho, mas como as aulas eram em meses de férias escolares, ele poderia ficar com minha mãe, então, arrisquei a me inscrever. Sempre tive o apoio do meu esposo, eu com pensamento negativo e ele falando ‘você consegue’.

No dia da prova, fiquei meio sem confiança de que iria passar, mas lá no fundo, eu queria muito, pois pensava que não iria ter a oportunidade de conseguir fazer uma faculdade. Passados alguns dias, saiu o resultado da prova e lá estava meu nome entre os aprovados para entrevista. Fiquei feliz e ao mesmo tempo preocupada, imaginando como seria essa entrevista, em meio há muitas pessoas, será que eu seria selecionada.

No dia da entrevista, eu quase perco o horário, pois na publicação que eu imprimi constava um horário e depois mudaram para outro. Devido a morar na zona rural, eu fui bem cedo para Marabá, pensando que iria esperar muito, no entanto, cheguei bem na hora da entrevista. Agradei muito a Deus, e assim entrei confiante, porque se eu não havia perdido aquela entrevista, é por que fazer esse curso estava no meu destino.

Depois da entrevista, alguns dias se passaram, esperando meu nome sair na lista dos aprovados. O dia esperado chegou, meu nome estava lá, agora era só ir em Marabá realizar a habilitação. Começaram as preocupações, não sabia onde iria ficar

em Marabá, para estudar durante esses dois meses. Fiquei preocupada, por não ter recursos para me manter na universidade. Nesse momento, eu não sabia que em São Domingos tinha um ônibus, que levava os alunos no período das aulas.

No dia da minha matrícula na faculdade, conheci um colega que ia ser da mesma turma que eu. Em meio a conversa, ele me falou sobre a Cabanagem, que era um local onde os estudantes poderiam ficar e que era mais em conta. No mesmo instante, ele me mandou um formulário, preenchi e fui aceita, ele falou que esse espaço era seguro e que pelo preço tínhamos tudo, inclusive a alimentação.

As aulas teriam início no mês de julho, então lá fui eu para a Cabanagem. Chegando nesse ambiente, foi tudo muito novo para mim, pois eu não tinha costume de conviver com outras pessoas assim. Nesse espaço, tive a oportunidade de conhecer o MST (Movimento Sem Terra), pois a maioria dos estudantes do local eram do movimento. Todos eram muito acolhedores no local, sempre nos ensinando que o companheirismo faz parte do curso e da nossa vida.

Na cabanagem, também tínhamos momentos de ensinamento, tínhamos os dias de cinema, mas não qualquer filme que víamos, os filmes retratavam a luta pela terra, nos mostrando a importância de estar ali naquele local.

No primeiro dia do curso, ao participar do seminário, ainda não tinha me dado conta do intuito do curso de Educação do Campo. Na minha cabeça, eu iria estudar e aprender apenas a dar aulas, mas a partir do primeiro dia, percebi que o curso ia me proporcionar mais que apenas conhecimento. Ele iria me proporcionar outra forma de ver como as coisas são, ver e saber refletir sobre a realidade que todos do campo vivem.

No primeiro dia, ao participar do seminário, eu não tinha conhecimento sobre as místicas, não sabia o que significa aquele ato cultural, Nesse momento, comecei a entender que a Educação do Campo e os seres do campo, sempre têm que andar em sintonia. Que a escola não é um lugar somente de implantar assuntos e conhecimentos, mas, também, um lugar para ensinar a pensar e saber valorizar a cultura local de cada um, que não devemos somente ensinar por ensinar, mas refletir sobre o que estamos ensinando.

Assim como Caldart (2003) defende, nós, professores, temos que ser formados pensadores capazes de entender e compreender o outro.

Existe uma nova prática de Escola que está sendo gestada neste movimento. Nossa sensibilidade de educadores já nos permitiu perceber que existe algo diferente e que pode ser uma alternativa em nosso horizonte de trabalhador da educação, de ser humano. Precisamos aprender a potencializar os elementos presentes nas diversas experiências, e transformá-los em um movimento consciente de construção das escolas do campo como escolas que ajudem neste processo mais amplo de humanização, e de reafirmação dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história (CALDART, 2003, p. 61).

No curso que tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o MST (Movimento Sem Terra), pude entender que foi através da luta desses povos do campo que, hoje em dia, conseguimos muitos direitos que antes não tínhamos acesso, um deles foi o próprio Curso de Educação do Campo. Esses movimentos se juntaram, para que nós, camponeses, ribeirinhos, indígenas e quilombolas, tivéssemos direito a um curso, que retratasse e nos ajudasse a transmitir de forma mais precisa a cultura do campo. Um curso que valoriza os saberes culturais e a diversidade do campo.

Através da Licenciatura em Educação do Campo, pude entender e assim desmistificar a visão que eu tinha do MST. Uma visão de povos que roubam as terras alheias, porque querendo ou não, para quem não conhece o MST, sempre tem uma visão errada, a qual a mídia sempre enfatiza. Pude observar que muito além de querer terras para trabalhar, que aliás são suas por direito, o MST é um modelo a ser seguido de luta pela terra e luta por uma educação melhor. Caldart (2003, p. 62) afirma que "Quase ao mesmo tempo em que começaram a lutar pela terra, os sem-terra do MST também começaram a lutar por escolas e, sobretudo, para cultivar em si mesmos o valor do estudo e do próprio direito de lutar pelo seu acesso a ele [...]".

O curso nos proporciona um modelo diferente de educação. Uma educação que não é somente transferir conhecimento, uma educação que preserva o saber cultural, uma educação que nos ensina a valorizar os saberes locais que temos em nossas regiões, Possibilitando, assim, conhecermos a região em que vivemos, onde temos muitas riquezas, que nem mesmo nos damos conta.

Freire afirma que:

[...] É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber,

se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 12).

Uma das coisas que mais gostei, no início do curso, foi a Viagem de Campo, que me possibilitou conhecer um pouco da realidade vivida por esses trabalhadores rurais, tendo a oportunidade de conhecer vários lugares como a Indústria de Marabá. Pude saber um pouco de sua origem e como essas indústrias afetam e prejudicam a sociedade, passando também pelo IFPA (Instituto Federal do Pará), onde conheci os cursos ofertados, a metodologia de ensino do Instituto, que tem a mesma finalidade do curso de Educação do Campo.

Tive a oportunidade de visitar a tão falada Serra Pelada, apesar de ouvir muitas histórias sobre o local, eu não conhecia. Dentre esses lugares, o que mais me chamou a atenção foi a Curva do S, um local que até hoje é homenageado e lembrado. Não é lembrado somente pela tragédia ocorrida, mas lembrado pela luta que todos ali pereceram, uma luta que não foi vencida, mas que está sendo travada.

Essa viagem, parte integrante de uma disciplina do Curso, é importante porque nos possibilita aprender, em campo, como se comportar em uma pesquisa, não aprendendo somente em sala de aula, mas vivendo como realmente é ser um pesquisador, porque o curso também tem como objetivo formar pesquisadores.

A socialização do trabalho sobre a viagem de campo é importante para mostrar como foi, na visão de cada discente, essa experiência única, pois nos possibilita ver como é de verdade o cotidiano dos produtores rurais. Apesar de vivermos no campo, cada região tem sua cultura diferente e a sua forma de produção, através da exposição de fotos e vídeos podemos fazer com que os outros possam valorizar e respeitar o trabalho de todos.

3.3 Pesquisa Socioeducacional I, II e III - Tempo Comunidade

Na pesquisa Socioeducacional I, para mim, foi importante ter a oportunidade de conhecer melhor a história do local em que eu moro, pois quando iniciei o curso havia somente três anos que eu morava na Vicinal Três Irmãos. Tive a oportunidade de conhecer como se formou a Vicinal, conhecer um pouco sobre a vida dos moradores, o que eles fazem para viver, quais suas crenças, o que têm de lazer na

comunidade, a produção que predomina na região, podendo conhecer um pouco da região e entender que na comunidade todos trabalham em coletivo, um ajudando o outro.

Através dessa pesquisa, pude conhecer e registrar um pouco da história e a realidade da comunidade em que vivo; apresentando sua cultura, religiosidade e um pouco de seus aspectos econômicos. Todos da comunidade vivem somente da produção da farinha de mandioca e não possuem outro tipo de renda. Conheci melhor suas dificuldades diárias, do começo até o fim da sua produção.

Pelas histórias contadas pelos mais velhos, pude observar que antigamente a produção era ainda mais cansativa, como relata uma veterana da comunidade.

era meu pai, meu pai ele toda vida sempre mexeu com mandioca, ai eu ajudava ele nesse tempo eu panerava farinha era num cofo, que chamava panero, ai tirava os zoi de paia fazia o cofo tirava cipó e tirava foia de arruma no brejo ai panerava aquela farinha e levava nas carga de burro pra vila metade ou então os castanheiro vinha buscar de marabá aqueles dez burro vinte burro carregado de farinha vinha buscar pa marabá ai depois que ele ia pegar o dinheiro pra comprar o rancho (informação verbal)².

Pela pesquisa realizada observei que todos, inclusive eu que ali morava, via a produção de farinha na comunidade somente como uma fonte de renda, uma forma de viver e pronto, não tinha a capacidade de entender e enxergar as riquezas que ali existiam.

Foi nessa primeira pesquisa que comecei a olhar a comunidade e a produção de farinha de outra forma, através do Curso de Educação do Campo que eu percebi que a produção de farinha na comunidade, não era somente um meio de ter renda, não era somente um sustento para as famílias, mas também uma cultura dessa região. Observando a forma de como era produzida a farinha, e que, no momento de produção, todos se reúnem, percebi que além de trabalho é uma distração e um momento de confraternização entre todos, pois se juntam para produção e assim também para conversar.

Durante a pesquisa pude conhecer um pouco da história de vida dos moradores da comunidade, as dificuldades enfrentadas por eles para viver nesse lugar, sobrevivendo somente do plantio da mandioca. Os homens ficavam trabalhando na

² Entrevista fornecida por Domingas cedida a Sabrina Oliveira Ribeiro, em 2017

produção da farinha, enquanto as mulheres, por outro lado, vendiam a tapioca, o tucupí, entre outros, para ajudar na renda de suas famílias.

Até hoje, a comunidade não quis introduzir máquinas na sua produção. Eles não querem alterar o processo de produção, pois dizem que a farinha feita com máquinas industriais não “presta”, então todo processo de produção de farinha é manual, desde a colheita da mandioca até a torração de farinha e a prensa, eles têm que ficar apertando, para enxugar a massa e torrar no outro dia.

Assim, durante essa pesquisa, eu pude ver mais de perto suas necessidades, tanto na vida pessoal, quanto na sua produção, eles não têm nenhum apoio de governo. Nem mesmo orientação de alguém para ajudá-los em relação a preparação da terra, nenhuma palestra ou informação de manejo, para o cultivo da mandioca. Produzem tudo com os conhecimentos passados de seus pais.

Quando conheci melhor a história, a vida de todos, e suas dificuldades, comecei a me identificar com aquele lugar, não somente para ajudar na produção da farinha, mas através do curso eu poderia entender melhor e valorizar essa produção cultural.

Na pesquisa Socioeducacional II, teve como objetivo observar como são as práticas educacionais formais e não formais. Durante essa pesquisa, pude analisar que o conhecimento vai muito além da sala de aula, que podemos aprender e ensinar não somente entre as paredes, mas dar oportunidade aos alunos de conhecerem o lugar em que vivem.

Assim como Rocha, Passos e Carvalho ([s.d.], p. 08), defende:

A Educação do Campo e no campo ocorre tanto em espaços escolares como fora deles. Envolve saberes, métodos, tempos e espaços físicos diferenciados. Portanto, não são apenas os saberes construídos na sala de aula, mas também aqueles construídos na produção, na família, na convivência social, na cultura, no lazer e nos movimentos sociais. A sala de aula é um espaço específico de sistematização, análise e de síntese das aprendizagens, se constituindo assim, num local de encontro das diferenças, pois, é nela que se produzem novas formas de ver, estar e se relacionar com o mundo (ROCHA,PASSOS E CARVALHO, [s.d], p.08).

Na Vicinal Três Irmãos temos uma escola, Escola Municipal de Ensino Fundamental Eugênio Lopes, onde funciona o ensino multisseriado, somente o fundamental I. A escola fica localizada dentro da comunidade, porém mesmo assim ainda fica um pouco distante para alguns alunos, é uma instituição pequena, até

porque o número de alunos é baixo. Quando as crianças chegam ao fundamental II têm que ir para outra comunidade próxima, a Vila Metade.

A escola é importante para comunidade, porque sem ela não teria como fornecer o ensino às crianças que não tem condições e nem transporte para se deslocarem de suas casas para outras comunidades vizinhas. Além disso, a escola é como se fosse uma estrutura para a comunidade, os moradores ficam confiantes de que suas crianças terão um futuro melhor do que o de seus pais, que não tiveram a mesma oportunidade de estudo que eles têm hoje em dia.

Antigamente, no início da formação da comunidade, não havia escola, as aulas eram ministradas à céu aberto, debaixo de algumas árvores, onde o professor ministrava suas aulas. Depois de muitos anos foi que conseguiram um local e assim a escola foi construída.

Durante a construção da escola não houve trabalho voluntário, tudo foi feito pela administração da prefeitura na época. A gestão municipal arcou com todas as despesas, desde o pedreiro até o ajudante de obras. Quando a escola ficou pronta, foram contratados os funcionários. O professor da escola é também o responsável pela administração, ou seja, é professor e diretor da escola.

Porém, desde que moro na comunidade, sempre houve troca de professor, pois todos que são enviados para comunidade, são professores contratados. Na escola, somente a servente é concursada, anteriormente, ela era contratada também, depois de anos de trabalho, conseguiu a estabilidade do concurso. Sendo assim, nunca sabemos se no ano seguinte a escola terá o mesmo professor. Segundo uma funcionária, desde que a escola começou a funcionar sempre foram professores contratados.

Desde que moro aqui sempre foram professores contratados nunca teve nenhum concursado, eu comecei trabalhar na escola como contratada, depois conseguir o concurso, estou aqui como servente nessa escola desde o começo, o que acho ruim é que quando começamos nos acostumar com um professor ai logo é demitido, devido ser somente contratado (Informação verbal³).

Nas escolas do campo é o que mais vemos, professores que são somente contratados, e dificilmente o professor é da comunidade, às vezes não tem pessoas

³ Entrevista fornecida por Dos Anjos cedida à Sabrina Oliveira Ribeiro, em 2018.

com formação, e muitas vezes existem professores qualificados, mas não têm a oportunidade de exercer seu trabalho.

Na maioria das vezes, o professor contratado é da cidade, local que foge totalmente da realidade do aluno. Logo, ele pode não saber como fazer com que os alunos aprendam um pouco da sua cultura, pode ser um professor que não tenha uma formação específica para a zona rural, não tendo condições de ministrar uma boa aula. Não por que ele não seja um bom professor, mas por que não teve a formação adequada para trabalhar no campo, pois pode ter estudado mas aprendido que em sala se deve somente passar o conteúdo e avaliar os alunos somente com notas e trabalhos realizados em sala, sem ao menos fazer com que esses alunos tenham momentos de reflexão cultural.

Arroyo (1999, p. 20) defende que

[...] Não tratem o aluno como número, não tratem o aluno como aluno, tratem como sujeitos, sujeitos que trazem história, que têm diferenças. É diferente ser mulher e homem, negro e branco. É diferente ser criança, do que ser adolescente, jovem. Tratar o aluno como gente, no seu tempo, na sua idade, no seu gênero, na sua raça, na sua história, na sua diversidade, no seu momento de formação humana. Nossa escola nivelou todo o mundo pela média, se passa da média, aprova, se não passa da média, reprova, e repete.

Durante a realização desta pesquisa, percebi ainda mais a importância de estar cursando a Licenciatura em Educação do Campo, pois assim poderei dar retorno em conhecimento para a comunidade em que eu moro, mostrando a importância de estudarmos o nosso espaço, de conhecermos a história do nosso lugar, de lutar por nossos direitos, e um dos principais é a Educação Como afirma Arroyo (1999):

Uma escola do campo é a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa, que construa conhecimentos e tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população. A sua localização é secundária, o que importa são suas proximidades política e espacial com a realidade camponesa (ARROYO, 1999, p. 51).

Na III pesquisa Socioeducacional, tivemos que elaborar e desenvolver um projeto na comunidade em que vivemos. Observando suas carências, na Vicinal Três Irmãos desde a primeira pesquisa, verifiquei que a juventude da comunidade não conhece sobre a produção de farinha, e não tem muito interesse em aprender, pois consideram somente uma forma de trabalho.

O projeto realizado, nesta pesquisa, foi a criação de uma cartilha, na qual mostramos os processos da produção de farinha. Foi realizado com as crianças do Fundamental I, na qual na escola Eugênio Lopes, na turma multisseriada. Nessa cartilha mostramos todo o processo de produção da farinha, desde o broque⁴ da roça, plantio, colheita até o momento em que a farinha é ensacada. Durante a realização da pesquisa, levei as crianças na farinheira próxima à escola, onde um dos produtores de farinha da comunidade, deu uma palestra para elas, explicando como funcionava a produção de farinha, pois muitas crianças, apesar de morar e serem filhos de produtores de farinha, não tinham muito conhecimento sobre o processo de produção.

Durante a realização desse projeto, acompanhei de perto a produção, desde o início, realizei visitas nas roças, onde estava sendo realizado o broque. Depois de acompanhar todo o processo, ir à farinheira com os alunos, fomos para sala de aula, onde as crianças iriam elaborar textos ou desenhos, nos quais teriam que expressar seu sentimento em relação à produção de farinha.

A realização do projeto foi importante para evidenciar às crianças e a todos da comunidade a importância da farinha na região, pois a farinha é a principal fonte de renda da comunidade. Mostrar às crianças como é produzida a farinha, como é feita a roça, ou seja, mostrar essa produção desde o início. Estimulando as crianças a dar mais valor a essa importante tradição e fonte de renda da comunidade, demonstrar que dentro do próprio ambiente da comunidade podemos estar realizando atividades que envolvam os saberes culturais da região.

Esse tema foi escolhido para valorizar essa tradição antiga desta região, enfatizando, assim, a importância do trabalho da agricultura familiar. Fazendo com que os mais jovens aprendam a valorizar ainda mais essa cultura regional e não queiram estudar para sair das suas comunidades rurais, mas que estudem para aplicar seus conhecimentos nas comunidades em que vivem.

Novamente enfatizo que no curso de Educação do Campo aprendemos que o ensino não é somente em sala de aula, que as características culturais e as histórias de vida de cada ser também podem ser trabalhados, Rocha, Passos e Carvalho afirmam que

A cultura também forma o ser humano e dá as referências para o modo de educá-lo; são os processos culturais que ao mesmo tempo expressam e garantem a própria ação educativa do trabalho, das relações sociais, das lutas

⁴ Broque é o processo de preparação da terra para plantio, no qual vão roçando os matos.

sociais: a Educação do Campo precisa recuperar a tradição pedagógica que nos ajuda a pensar a cultura como matriz formadora, e que nos ensina que a educação é uma dimensão da cultura, que a cultura é uma dimensão do processo histórico, e que processos pedagógicos são constituídos a partir de uma cultura e participam de sua reprodução e transformação simultaneamente (ROCHA, PASSOS E CARVALHO [s.d.] p.09).

Durante essa pesquisa, observei a importância de estar fazendo uma Licenciatura onde estou tendo a capacidade de obter conhecimentos que serão capazes de me ajudar em sala de aula, onde poderei em sala de aula praticar esses aprendizados adquiridos ao longo dessa jornada.

3.4 Definindo a ênfase - Uma mudança repentina

No curso de Educação do Campo, temos a oportunidade de estudar em alternância pedagógica, ou seja, estudamos em sala na faculdade, que é chamado Tempo Espaço-Universidade (TEU) e estudamos na comunidade, onde realizamos as pesquisas que chamamos Tempo Espaço-Comunidade (TC). Na Alternância pedagógica o que aprendemos não é somente na Faculdade, mas também na localidade em que vivemos, nos possibilitando a formação enquanto pesquisadores e educadores que não são somente instrumentos de impor a matéria e pronto, mas capazes de enxergar o que está ao seu entorno, o intuito do curso como se explica no PPC (Projeto Político Pedagógico) do curso é:

Art. 1º O objetivo do curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo da Unifesspa é preparar educadores para uma atuação profissional específica junto às populações que trabalham e vivem no e do campo, o que inclui a docência e a gestão dos processos educativos na escola do campo e no seu entorno, construindo novas bases de organização do trabalho escolar e pedagógico, a partir de estratégias de formação para a docência multidisciplinar em uma organização curricular por áreas do conhecimento. (FECAMPO, 2019, p. 02).

Durante três semestre todos os alunos estudam disciplinas em comuns, depois desse período, cada aluno tem a oportunidade de escolher a área de conhecimento específica em que deseja se aprimorar, são elas: Matemática (MAT), Ciências Humanas e Sociais (CHS), Ciências Agrárias da Natureza (CAN), Letras e Linguagens (LL).

Quando entrei no Curso de Educação do Campo, tinha como objetivo ir para a ênfase da CAN. Tinha vontade de ir para essa área porque eu pensava que iria me ligar melhor com a comunidade no campo, que através dessa ênfase eu iria compreender melhor os processos de produtividade da comunidade. Entretanto, depois de algumas aulas, e depois das epistemologias que são as disciplinas nas quais vemos um pouco de casa ênfase, eu decidi escolher a área de Letras e Linguagens. Percebi que nessa área poderia ajudar na alfabetização e aprimorar ainda mais o conhecimento cultural e linguístico no campo.

A escolha da ênfase não foi muito fácil para mim, entrei com um pensamento e ao longo do curso fui mudando. Em algumas conversas com minha mãe e observando como é a educação nas escolas do campo e na região em que moro, gostei da ideia de ir para a área de LL. Percebi que através dela eu poderia compreender ainda mais o meio em que vivo. Depois da escolha, mesmo com a incerteza, entrei com muita força de vontade para área de Letras e Linguagens, hoje percebo que para mim essa foi a melhor escolha.

Antes de escolher a ênfase de Letras e Linguagens, eu imaginava que iríamos estudar somente gramática, que no curso seria ofertado somente disciplinas que fizessem repassar o conhecimento da norma padrão, imaginei como seria trabalhar com língua portuguesa, teria, então, muita gramática? Esse é o pensamento que todos temos quando se fala em ser professor de língua portuguesa.

No decorrer das aulas, já na ênfase, fui percebendo que não iríamos estudar a gramática em si, e que estudar Letras e Linguagens não significava somente ver gramática. Podíamos, de outras formas, fazer com que o aluno entendesse o que seria trabalhado em sala, sem está ministrando aquela aula chata, somente com conteúdo da norma padrão.

Tivemos a disciplina de Linguagem e Cultura, na qual aprendemos que toda língua e toda fala é correta, que a língua falada de cada pessoa dentro da sua cultura é a certa. Quando uma pessoa fala e outra entende estamos tendo uma interação linguística, ou seja, depois dessa disciplina vi, ainda mais, como eu poderia contribuir como educadora. Percebendo que devemos sim ensinar a norma padrão introduzida pela sociedade, mas não devemos julgar o conhecimento adquirido culturalmente por cada ser, em uma determinada região.

Tivemos várias disciplinas que nos mostraram a importância do respeito, nos mostrando como identificar formas de trabalhar em sala, sem interferir na forma

cultural de cada região, sempre respeitando a cultura local de cada lugar. Aprendemos, também, um pouco em relação ao preconceito linguístico e o preconceito cultural.

Nas disciplinas que tratavam sobre Literatura, aprendi que a literatura não é somente esses contos que vemos rotineiramente, nos quais se idealizam príncipes e princesas, o conto de fadas, que desde pequenos sonhamos, mas também há vários livros importantes que são literaturas feitas para nos fazerem ver a realidade do nosso cotidiano. Aprendemos que na literatura temos muito mais do que contos de fadas, temos muitos poemas e livros da nossa região que são ótimos, alguns, principalmente, elaborados por mulheres, e que por trás desses textos temos sempre algo para refletir.

Em uma das disciplinas que tivemos com a professora Edimara, tivemos a oportunidade de conhecer as obras da escritora Cristiane Sobral. Um tempo depois, participamos de um seminário no qual ela estava presente. Estudamos um dos seus poemas que é "Não vou mais lavar os pratos". Antes do curso, ao olhar para o título desse poema, eu diria que estava somente falando em relação a uma mulher que estava lavando louça. Ao olhar com outros olhos, como aprendi no curso, entendemos que nesse título fala muito mais que isso, ele retrata muito além fala da desigualdade social, sobre o racismo, entre outros.

Durante todas as aulas na ênfase, e ao longo do curso, vi que com esses textos, com essa forma de educar podemos contribuir ainda mais com a comunidade em que vivemos. Não é fácil ler e compreender rápido o que é lido, mas ler algo que tem a ver com sua realidade e seu cotidiano ajuda todos a conseguir compreender melhor o que está sendo ensinado. Apesar da LL não ser a minha primeira escolha, ao longo da jornada, percebi que não poderia estar em outra ênfase. Encontrei-me, gostei de todas as experiências que tive como discente, apesar de alguns momentos não serem fáceis. Houve momentos em que pensei em desistir, todavia, sinto-me realizada por não ter desistido, apesar das dificuldades.

3.5 Pesquisa Socioeducacional IV e V - Adentrando na Cultura Local

A pesquisa Socioeducacional IV, é a primeira pesquisa voltada à experiência em sala de aula, que é a Docência I, na qual fazemos o estágio de observação no ensino fundamental 2. Essa foi a única pesquisa que eu não consegui realizar na

comunidade em que eu moro. Ela foi realizada na Vila Metade, que é próxima à Vicinal Três Irmãos. Tive que fazer essa pesquisa na comunidade vizinha, porque na minha comunidade não tinha o fundamental 2, somente o multisseriado do fundamental 1.

O Estágio de observação foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Freire Falcão, que fica localizada na Vila Metade, km-19, BR-153, Município de São Domingos do Araguaia- Pará. Nessa escola, se ministra o ensino fundamental menor e maior, modalidade regular. Ela é anexa à Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisca Florentina de Medeiros. Da escola para a cidade a distância é entre 13 a 15 quilômetros. Já dá vicinal Três Irmãos para a Vila Metade são uns seis quilômetros de distância.

Nesse estágio de observação, observei como a professora atuava em sala, se era uma professora do campo, se saberia retratar, através dos conteúdos, a realidade do aluno. Durante essa pesquisa, verifiquei que muitos professores da zona rural não moram em comunidades, são moradores da cidade, o que dificulta a interação professor aluno, pois na maioria dos casos o que vemos é somente a reprodução do conteúdo. Enfatizo, mais uma vez, não é por causa do professor, mas pelo fato dele não ter uma formação adequada para trabalhar com alunos do campo.

Nessa experiência, percebi ainda mais a importância de estar em curso como o de Educação do Campo, no qual somos ensinados a conhecer os alunos e compreender como é a realidade de cada um. Temos a possibilidade de entender que o aluno não é um recipiente que vamos enchendo com conteúdo e atividades que não condizem com seu cotidiano. Temos que tentar relacionar esses conteúdos, que vem para trabalharmos, com o que condiz com a realidade em que vivem. Assim, Freire (1987, p. 33) defende o seguinte:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1987, p.33).

Como a Villa Metade é vizinha da Três Irmãos, não tive muita dificuldade em relação aos alunos durante a pesquisa, pois os alunos do fundamental maior da comunidade, estudam todos nessa escola. A maior dificuldade enfrentada foi que, no

período em que eu iria iniciar o estágio, os servidores entraram em greve, porém logo retornaram às aulas. Nesse estágio, vi que é muito importante, além do professor interagir com o aluno, também tem que ser ativo ao que está sendo ministrado na aula, ou seja, o aluno também tem que participar, possibilitando o professor de desconstruir aquela educação tradicional, na qual somente o docente fala e o educando não participa. Portanto, havendo um ambiente dinamizado, em que todos contribuem um pouco com seu conhecimento. Sobre isso, hooks (2018) conclui o seguinte:

Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. Muitas vezes antes de o processo começar, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala (HOOKS, 2018. p. 18).

Esse estágio foi importante para que eu pudesse ver de perto como é realmente em sala de aula. Como são as dificuldades a serem enfrentadas, pois idealizamos uma coisa e na hora da prática é outra completamente diferente. Podemos querer ministrar uma boa aula, mas nem sempre vamos ter os materiais que precisamos e o apoio que merecemos para isso, principalmente se o objetivo for em pregar uma educação que respeite os aspectos culturais, na qual se ensina de acordo com a realidade em que o aluno vive.

A partir do estágio, comecei a ver a educação em sala com outros olhos, e tive a concepção da professora, que eu não quero ser no futuro, não quero ser aquela que somente aplica os conteúdos, mas pretendo ser aquela que seja capaz de colocar um pouco da realidade camponesa e assim possibilitar o entendimento de cada aluno em sala de aula. Sei que não vai ser uma jornada fácil, pois, quando se está em sala, há várias dificuldades, e uma delas são os currículos impostos pela SEMED (Secretaria Municipal de Educação), mas não há vitória sem luta.

A pesquisa Socioeducacional V, Docência II, já consegui realizar na Vicinal Três Irmãos, em uma turma do EJA (Educação de Jovens e Adultos). O professor Tadeus⁵, conseguiu montar uma turma a noite, que funcionava o fundamental menor

⁵ Professor contratado, morador da comunidade e aluno do Curso de Educação do Campo, turma 2015.

e maior O objetivo dessa pesquisa é realizar um projeto de intervenção, para valorizar a cultura local e assim pensar como introduzi-la em sala de aula.

Com base nas pesquisas do Tempo Comunidade, que eu já havia realizado, nas quais sempre enfatizei que a principal fonte de renda da comunidade era a produção de farinha, durante a realização desta pesquisa procurei saber se essa produção de farinha era conhecida como forma cultural pelos moradores da região. Pelas minhas observações e pesquisas, pude perceber que poucos entendiam essa produção de farinha como forma cultural e que essa cultura estava correndo um grande risco de ser extinta, pois os mais jovens da comunidade, não andam muito interessados em continuar com essa produção de farinha, que vem desde seus antepassados.

Esse projeto foi realizado com foco maior nas turmas do 6^a ao 9^a ano do EJA (Educação de Jovens e Adultos), durante toda a pesquisa tive o apoio do professor o qual, no período de realização do projeto, era concluinte do curso de Educação do Campo, tínhamos o objetivo de identificar se os discentes entendiam a produção de farinha como forma cultural. Durante as aulas, enfatizamos a importância dessa produção como forma cultural para a comunidade, que não podia ser tratada somente como fonte de renda, mas deveria ser tratada como cultura por todos.

Portanto, procurei observar se ainda havia interesse desses jovens sobre a produção de farinha. Em sala de aula, procurei ressaltar qual a relação deles com essa produção, se futuramente essa produção iria contribuir para sua vida, por isso resolvi produzir esse projeto, em que os discentes iriam expor em narrativas as suas vivências, ou seja, a sua relação com a produção de farinha no âmbito cultural. Iniciei o projeto procurando saber a relação direta dos alunos com a produção de farinha, se alguns dos alunos viviam somente desta produção ou era somente para complementação da renda familiar. Como já falado antes, os que viviam dessa produção, a tinham como sua principal fonte de renda.

Durante alguns encontros, tivemos várias rodas de conversas, nas quais cada um ia expondo sua relação com a farinha e contando o que sentia em relação à essa produção. Em meio a muitas conversas, o que sempre predominava era que todos já vinham produzindo farinha desde a infância, com os ensinamentos de seus pais, mas que, para eles, produzir farinha era somente trabalho. Como podemos ver na fala do senhor Josimar “Nos vive da farinha desde quando meu pai era vivo, criei meus filho dessa produção, e assim meus filho está criando a família dele também, não sabia

que produzir farinha era cultura para eu a farinha era só um meio de sobreviver” (Informação verbal⁶).

Cada encontro era uma aula de vivências, pois contavam suas histórias detalhadas, principalmente os mais velhos, quando contavam como era a produção de farinha na época dos seus antepassados. Com esses relatos foi que eu comecei a introduzir o assunto da cultura e expliquei a eles que a produção de farinha é uma forma cultural, porque é algo que o ser humano produz, é um fato que a comunidade faz desde sempre, ou seja, algo da natureza que o ser humano modifica. Assim como Mattoso Câmara (1955) defende que “a cultura é o conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas” (ROBI *apud* CÂMARA, 1955, p. 04), a partir do momento que o homem passar a manusear algo e produzir sempre em sua comunidade ou sociedade, podemos considerar esse ato um fato cultural dessa determinada região.

Durante as aulas, fui introduzindo assuntos que falavam sobre cultura, um dos textos trabalhados em sala foi Língua e Cultura, o qual mostra que a cultura é algo que cada sociedade constrói no decorrer dos anos, ou seja, a cultura não é algo formado, mas construído com o conjunto de pessoas, em uma determinada sociedade. Os costumes criados em cada região são culturas locais daquele lugar, de acordo com Câmara Junior “[...] dizendo que de maneira geral a cultura é, neste caso, o conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste como mundo físico e o mundo biológico [...]” (CÂMARA JR, 1955, p. 51)

O projeto tinha como objetivo enfatizar a importância da cultura na comunidade, ao final os alunos fizeram narrativas nas quais eles colocaram o que entenderam por cultura e se no futuro queriam continuar com a cultura da produção de farinha da comunidade. Realizei com a comunidade a leitura dessas narrativas, foi um momento de coletividade entre todos.

O projeto realizado na comunidade, foi importante para que as pessoas da vicinal três irmãos compreendessem a produção de farinha como uma forma cultural. Embora alguns jovens ainda não tenham desconstruído a ideia de ir morar na cidade e largar a produção de farinha, agora compreendem melhor a produção de farinha como uma cultura. Este trabalho foi importante para mim, porque tive a

⁶ Entrevista fornecida por Josimar cedida à Sabrina Oliveira Ribeiro, em 2019.

oportunidade de trabalhar a interdisciplinaridade em sala, e aplicar um pouco do que eu aprendi durante o curso de Educação do Campo.

Com essa experiência em sala, aprendi a valorizar ainda mais o espaço que ocupo não só na comunidade, mas como educadora do campo. A importância que este curso tem em formar professores pensadores e pesquisadores, capazes de identificar a importância de cada cultura local de determinados povos.

3.6 Pesquisa Socioeducacional VI e VII- Pandemia (Covid19)

A VI pesquisa Socioeducacional, Docência III, seria a realização do estágio de observação no ensino médio, porém não pode ser realizado em sala, devido a pandemia da covid 19. As aulas foram suspensas e todos tivemos que nos manter em distanciamento social. Por conta da pandemia não realizamos o estágio, como estávamos todos sem poder manter contato, na pesquisa VI realizamos um levantamento de como foi o início da pandemia e seus impactos na comunidade, como a escola atuou nesse período difícil para todos nós.

O objetivo da pesquisa foi mostrar um pouco do que se passou nesse período na região. Como foi a suspensão das aulas, como os moradores da região estavam agindo a essa nova realidade, observar como estavam sendo as atividades desenvolvidas durante a pandemia, se os alunos estavam conseguindo realizar suas atividades remotas, e os impactos causados na vida de todos que aqui residem. Durante a realização da pesquisa, houve muitas dificuldades, devido a todos terem que manter o distanciamento social, a pesquisa foi realizada por questionários enviados via WhatsApp, ou seja, a pandemia afetou não só a nossa rotina, mas a nossa forma de viver fazendo com que todos tivessem que se reinventar.

No início da pandemia, quando saiu em noticiários sobre a doença, muitos da comunidade em que moro não acreditavam que poderia chegar a essa região. Porém, com o passar dos dias, os casos de covid 19, foram aumentando e chegando aqui na zona rural, deixando a todos assustados, tendo que manter distância de todos e também dos familiares que moravam em outras regiões. Logo que os casos da doença aumentaram pela região, os ACS (Agentes Comunitários de Saúde) foram instruídos a orientar os moradores em suas residências a não estarem se deslocando para

cidade, fazer o uso da máscara e sempre usar o álcool, lavar bem as mãos e evitar contatos físicos entre si.

Devido a essa nova rotina, a produção de farinha da comunidade teve um grande desfalque, pelo fato de não poderem ficar muitas pessoas no mesmo ambiente, eles precisaram diminuir a produção. Foi um momento muito difícil para a comunidade porque a principal fonte de renda de todos é a farinha. Para não pararem de vez com a produção de farinha, os produtores montaram estratégias. Os moradores não estavam mais se aglomerando para fazer farinha, com isso cada dia uma família poderia está fazendo sua produção, usaram essa estratégia para que não houvesse aglomeração durante a produção de farinha. No dia de cada família, somente os familiares de cada casa poderiam ajudar no trabalho, ou seja, por conta da doença a produção diminuiu porque cada família somente conseguia fazer um ou dois sacos de farinha, uma vez que havia diminuído a quantidade de pessoas para ajudar na produção. Os moradores não tinham mais suas vidas normais, pois tinham medo de estar saindo de casa devido a covid.

Nesse período sofrido, a comunidade teve uma perda muito grande, um dos moradores mais antigos da comunidade veio a óbito por causa da covid 19. Foi um choque, todos continuaram ainda com mais medo do que se estava passando no momento. Uma das dificuldades maiores que enfrentamos, foi a questão da compra de alimentação, devido os horários dos comércios terem que ser flexibilizados, tendo hora de abrir e fechar. As pessoas da comunidade sempre se juntavam para ir à cidade aos sábados, ou seja, como não poderia ter aglomerações, as pessoas da zona rural tinham dificuldade de acesso devido ao transporte, fazendo com que algumas famílias chegassem a estocar alimentos.

Outro fator que afetou a vida de todos, foram os preços abusivos, pois durante a pandemia tudo nos supermercados aumentou, principalmente o arroz, óleo, açúcar entre outros utensílios de extrema necessidade. Ao invés das coisas ficarem a um preço acessível por conta da pandemia da covid, pois todos estavam passando por dificuldades, muitas pessoas não podiam trabalhar, simplesmente o custo de vida aumenta ainda mais do que já era, fazendo com que muitas famílias se preocupem ainda mais, não só com a doença mas também com o pão de cada dia.

Durante essa pesquisa, as aulas da comunidade foram suspensas, os alunos ficaram realizando atividades remotas. Essas atividades eram elaboradas pela professora que atuava na comunidade. Ela elaborava os cadernos de atividades e

entregava aos pais dos alunos. Durante a realização da pesquisa percebi que os cadernos de atividades eram elaborados somente copiando textos e atividades dos livros didáticos.

Uma das maiores preocupações que tive na realização dessa pesquisa, foi de como ficaria o desenvolvimento educacional dessas crianças. Muitos pais não sabiam ler e escrever, como poderiam ensinar seus filhos, não havia como, nem por internet, pois na comunidade ninguém tinha internet em casa. Hoje em dia, a maioria da população da comunidade já conseguiu colocar internet em suas casas, não por luxo, mas por necessidade devido ao que ocorreu durante a pandemia.

Essa pesquisa foi importante, porque pude ver um pouco de como as pessoas se sentiram nessa época de pandemia. Não podíamos nos abraçar nem estar totalmente em contato com familiares e amigos, fazendo com que procurássemos outros meios de nos relacionar com as pessoas. Durante o ano de 2020, foi um período de aprendizagem, de sofrimento e principalmente de medo. Medo de perder para a covid 19 alguém que amávamos, assim como muitos perderam familiares para essa doença que alastrou o mundo. Mas, também, foi um período no qual cada família buscou forças para poder superar essa situação que vivemos, essa situação única. Que, daqui para frente, tenhamos ainda mais capacidade de pensar no próximo.

Infelizmente, em 2021, ainda estávamos em época de pandemia, ainda não poderíamos sair a campo para pesquisar, devido a esse momento a pesquisa Socioeducacional VII, Docência IV, na qual seria realizado o projeto de intervenção no ensino médio, não pode ser realizada. As aulas da faculdade também ficaram suspensas por um período. Devido a pandemia, realizamos uma pesquisa sobre como estava sendo a Educação em tempos de pandemia.

Essa pesquisa foi realizada na Escola Getúlio Vargas, com a turma do 8ª e 9ª ano do fundamental II, na disciplina de Língua Portuguesa. A escola fica localizada no PA Oito Barracas, que está aproximadamente uns quinze quilômetros da vicinal Três Irmãos, a comunidade em que moro. Nesse período, eu estava trabalhando como professora contratada nessa escola. Devido ao fato de na comunidade em que moro não ter o ensino fundamental II, e não possuir o ensino médio, achei melhor fazer na comunidade vizinha. Havia o EJA (Educação de Jovens e Adultos) na comunidade em 2019, mas com a chegada da pandemia, alguns professores foram demitidos e a turma do EJA deixou de existir.

Essa pesquisa teve como objetivo apresentar um pouco de como estavam sendo desenvolvidas as aulas durante essa pandemia, também mostrar o que mudou no trabalho dos professores, as metodologias utilizadas em meio a pandemia, já que os professores não poderiam estar em sala de aula com os alunos. Durante a realização das pesquisas, já estavam sendo disponibilizadas vacinas para covid 19, a maioria das pessoas da comunidade, tanto da Vicinal Três Irmãos, quanto das oito barracas já estavam vacinadas, inclusive os professores da região.

Durante a pesquisa, foi notado que estava tendo muita evasão escolar. Devido a pandemia alguns alunos não estavam se dedicando aos estudos. Como estavam em casa, começaram a ajudar ainda mais seus pais nos afazeres domésticos, esquecendo um pouco as atividades propostas pelos professores, a Professora Ivani concluiu.

A paralisação das atividades presenciais das escolas em razão a pandemia da covid 19 agravou os riscos de evasão e abandono, por parte dos alunos, mesmo com muito esforço da equipe escolar, muitas crianças e adolescentes se desengajaram do espaço escolar por falta de acesso à internet adequado para o ensino remoto. (Informação verbal⁷)

Nesta pesquisa, tive a oportunidade de trabalhar como professora contratada, porém não conseguia exercer um bom trabalho, pois as atividades elaboradas aos alunos eram enviadas mensalmente. A cada mês era enviado um bloco de atividades, contendo exercícios de todas as disciplinas. Não havia interação com aluno, dificultando, assim, seu aprendizado. Tive muita dificuldade para elaborar as atividades remotas. Não sabia qual conteúdo estava passando aos alunos, pois não estava em sala para explicar, de acordo com Souza, Pereira e Fontana (2020, p. 1623) “[...] ‘docência é presença’, o que leva a considerar que manter o calendário nesta condição de pandemia não garante aquilo que é essencial na educação: a formação humana, a necessária apropriação de conhecimentos para tal[...].”

Vivendo nesse momento de pandemia, se poderia trabalhar o próprio episódio em que estávamos vivendo, porém não foi cogitado essa possibilidade. Todas as atividades elaboradas, eram somente do livro didático, não havia espaço para atividades que tivessem a ver com a realidade do momento. Em algumas atividades, eu introduzi assuntos que tinham a ver com a pandemia, porém, às vezes, eram

⁷ Entrevista fornecida por Ivani concedida à Sabrina Oliveira Ribeiro, em 2021

barrados. Todas as atividades iam com textos para os alunos ler, e através dos textos responder as perguntas, mas não eram textos nos quais o aluno pudesse refletir sobre o momento vivido.

Nesse período, a realização das explicações aos alunos ficaram exclusivamente via WhatsApp, foram criados grupos, para que os alunos e professores pudessem interagir. Em alguns momentos, quando o aluno ia buscar a atividade, eram feitas algumas explicações rápidas, mas isso com todos os cuidados, mantendo distanciamento e fazendo o uso da máscara, contudo o aluno não conseguia ter um bom aproveitamento da explicação, devido às circunstâncias.

Com a Pandemia, o trabalho dos professores ficou ainda mais cansativo, pois além de estar na escola, cumprindo o horário normal como se estivesse em aula presencial, ainda havia os grupos de WhatsApp. Mesmo estabelecendo horários para responder, havia grande demanda dos professores da zona rural, principalmente. Aumentou o trabalho, pois muitos alunos da comunidade não tinham acesso à internet, tendo que receber orientação presencial.

Na realização dessa pesquisa, pude compreender ainda mais a importância do estudo em sala e aprender como introduzir conteúdos que condizem com a realidade do aluno, pois nesse período de pandemia poderíamos ter trabalhado vastos assuntos, que fariam os alunos refletirem sobre esse momento histórico. Ênfase aqui a importância do curso de Educação do Campo, no qual pude aprender sobre a valorização desses saberes e que nesse momento, apesar de triste, também poderia ser uma grande oportunidade de estudo, porém, infelizmente, ainda não temos uma educação do campo, voltada para o campo, que pense nesse tipo de reflexão.

3.7 Aprendizados adquiridos

O curso de Educação do Campo, é pensado para a formação de professores do campo e para o campo, possibilita aos camponeses, ribeirinhos, indígenas e quilombolas a terem direito a uma educação de nível superior. Antigamente, quem poderia estudar em uma universidade federal eram somente os ricos, aqueles mais privilegiados e, hoje, o Curso de Educação do Campo nos dá esta oportunidade. De acordo com Caldart (2020, p. 01), “[...] A Licenciatura em Educação do Campo foi

criada como parte da luta em defesa da escola pública do campo e para ajudar no fortalecimento político, organizativo e pedagógico da Educação do Campo.”

As aulas ministradas são bem planejadas pelos professores. No primeiro semestre, uma das disciplinas que mais me chamou a atenção foi a de História de vida, que reforçou ainda mais o fato de eu querer estar ali. Tive a oportunidade de refletir sobre a minha própria história, isso fez com que eu pudesse conhecer a minha própria história, através da minha narração. Ver a importância de me tornar uma educadora que valoriza os saberes e as histórias de vida dos alunos, ser capaz de atuar na educação na qual não vou enxergar a escola somente como uma forma de ganhar dinheiro, mas ter a capacidade de fazer um bom trabalho respeitando o próximo, Caldart (2020, p. 04), conclui:

Porque enquanto se pense o desenvolvimento das forças produtivas da agricultura pelo objetivo de acumulação capitalista (lucro para proprietários da terra cada vez mais concentrada), não é possível estabelecer e manter de forma abrangente, padrões sustentáveis de relação dos seres humanos com a natureza e entre si.

O corpo docente do curso, é constituído por professores muito qualificados, claro que sempre tem aqueles que ganham mais nossos corações. No meu primeiro contato com as aulas, teve alguns professores que me faziam pensar “de onde vem tanta sabedoria?”, “será que um dia serei assim?” Docentes que, além de ensinar em sala, transpareciam uma alegria ao explicar cada assunto, fazendo com que a gente queira ainda mais prosseguir nesse caminho. Acho importante essa interação em sala, onde temos a oportunidade de nos expressar sem medo, sem receio, onde os saberes culturais, que acumulamos no decorrer da vida, também são úteis nessa jornada.

Durante as disciplinas de epistemologia, podemos ter o contato com os professores de cada Ênfase. Um dos momentos importantes do curso de educação do campo, pois temos a oportunidade de escolher no que queremos aprofundar nosso conhecimento e temos a oportunidade de conhecer cada ênfase para ver com qual a gente se identifica mais.

Já estudando na ênfase de LL (Letras e Linguagens) aprendi que não iria ver a gramática, mas que há várias formas de trabalhar, sem ser somente introduzindo a gramática. Tive contato com autores importantes, na disciplina de Literatura e

Sociedade, conheci a autora Carolina Maria de Jesus, estudamos o Quarto de despejo: diário de uma favelada, um texto muito rico, que nos faz refletir.

Podemos considerar seu texto como algo revolucionário, em toda a obra mostra sua luta e sua força de vontade de mudar. Ela critica a pobreza, a forma como as pessoas são tratadas e a forma de como elas se acomodam com essa situação, como se eles tivessem que realmente viver sem ter algo digno para comer e morar. Ela também apoia as mulheres que vivem sozinhas e criam seus filhos, pois relata que vive mais tranquila sem marido, do que as mulheres que tem e não tem sossego.

Através do texto o “quarto de despejo”, de Carolina, vi que, quando eu estivesse em sala, poderia trabalhar em um único texto situações que podem ser presenciadas na nossa realidade atual, pois ainda vivemos em um país preconceituoso, que não preza a igualdade. Vivemos em uma sociedade na qual nem todos tem direito, alguns não têm direito a saúde, educação, não têm um bom lugar para morar, e vivem em condições precárias e lamentáveis. Ainda hoje vivenciamos essas situações, porque nessa sociedade somente predomina a desigualdade. Caldart (2020, p. 02), diz:

O avanço dessa reconstrução requer, porém, o enfrentamento de uma forte batalha ideológica. O capitalismo sobrevive de suas próprias crises, mas a insanidade de sua lógica econômica se torna, a cada crise, mais destrutiva: o avanço das desigualdades sociais é aterrador e a devastação da natureza algo sem precedentes. Miséria, violência, insatisfações, doenças são cada vez mais generalizadas. No entanto, a maioria das pessoas ainda acredita que é preciso salvar o capital para que a humanidade se salve. Porque elas têm sido “ensinadas” a ver o capital como o sujeito responsável pelas suas condições materiais de existência. E a não ver o trabalho como o verdadeiro sujeito da história, hoje submetido às relações sociais capitalistas (CALDART, 2020, p. 02.).

A partir do que eu estudei no decorrer de todo o curso de Educação do Campo, estou conseguindo aos poucos introduzir no meu cotidiano, tive a oportunidade de trabalhar como docente, tirando uma licença saúde, mesmo sendo pouco tempo, tentei colocar um pouco do que eu aprendi em sala. Cada assunto que eu ia ministrar na aula, procurava introduzir sobre o cotidiano dos alunos, como não trabalhei na comunidade em que moro, não foi possível falar sobre a produção de farinha, pois onde eu estava trabalhando predomina a produção de leite.

Em sala, procurei colocar textos que fizessem eles pensar. Outra autora que gostei muito no curso foi a Cristiane Sobral, como já mencionei anteriormente, obtive muito aprendizado com seus poemas e espero ter a oportunidade de trabalhá-los em sala de aula, pois são riquíssimos, nos mostram a importância da igualdade social.

No último semestre, estudei Libras, aprendemos um pouco do básico em relação a essa linguagem. Uma disciplina muito importante, pude ser desmistificada de que o surdo e mudo, pois sempre pensei que quem era surdo também fosse mudo, durante essa disciplina, pude aprender a diferenciar essa questão. Durante todo o curso, através dos tempos comunidades, somos preparados para o TCC, não nos atentamos a importância das pesquisas, mas vi a importância de me aprofundar ainda mais nas pesquisas.

Durante essa jornada, há momentos em que as dificuldades nos fazem querer desistir, deparar-se com textos para ler, sem ter muito conhecimento, dificuldades financeiras. Mas, são obstáculos que podemos vencer, para, no fim, saber o quão importante foi essa jornada e fazer valer, em sala de aula, cada aprendizado que tive durante esses anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, consegui narrar um pouco de como foi minha trajetória até a chegada no curso de Educação do campo, um pouco sobre minha história de vida, meu retorno ao campo. Apesar de sempre ter ligação com o campo, não morava na zona rural. Ao ir morar na comunidade, no início, tive dificuldades em me adaptar. Nesse percurso, para rememorar essas vivências, tive a oportunidade de olhar minha trajetória com outros olhos. Observei que o curso de Educação do Campo, abriu muitas portas para mim, venho de uma família de Educadores e, apesar disso, não me via sendo docente, e hoje já me vejo ensinando e aprendendo em sala de aula.

A partir da minha entrada no Curso de Educação do Campo, pude compreender melhor meu lugar nesse espaço em que eu estava convivendo. Aprendendo a valorizar os saberes culturais da região em que moro, valorizando uma produção cultural da região, que é a produção de farinha. Durante esse processo de formação, tive a oportunidade de conhecer melhor outras formas pedagógicas, que devem ser trabalhadas em sala, uma delas é a alternância pedagógica, no qual o Curso de Educação do Campo sempre ressalta a importância de estarmos valorizando os saberes locais, nos possibilitando estar retornando à comunidade em que vivemos e pesquisando sobre o local.

As pesquisas realizadas durante o tempo comunidade, me ajudaram muito a conhecer o local em que moro, pois havia pouco tempo que estava morando na comunidade quando iniciei o curso. Essas pesquisas Socioeducacionais nos possibilitam a aprender que o conhecimento não está somente na faculdade, e que é muito importante valorizar os saberes das pessoas que nos cercam. Aprendi que cada pessoa tem uma experiência, um conhecimento guardado, que pode ser adquirido no decorrer de sua vida, portanto, esclarecendo que uma pessoa não precisa necessariamente estar cursando ou ter um nível superior para ter aprendido, pois o conhecimento adquirido com sua experiência também é uma competência a ser valorizada.

Com as experiências adquiridas ao longo dessa jornada, no curso de Educação do Campo, acredito que eu possa sim me tornar uma educadora do campo e que caminharei para que todo aprendizado adquirido não seja esquecido, que eu possa estar valorizando a cultura local de cada lugar em que trabalharei. Hoje, já atuo em

sala de aula e procuro pôr em prática o conhecimento que venho adquirindo durante o curso de Educação do Campo. Que este trabalho possa ajudar outros alunos a compreender a importância desse curso e a valorizar a sua própria história.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo** / Miguel Gonzalez Arroyo e Bernardo Mançano Fernandes. – Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n.º 2. 1999.

CALDART, Roseli Salete. **A Escola do Campo em Movimento: Coletivo Nacional de Educação do MST e Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) Brasil**. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun 2003

CALDART, Roseli Salete. **Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo: Texto preparado para Aula Inaugural do semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral, realizada em 9 de março de 2020.

DE SOUZA, Maria Antônia; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; FONTANA, Maria Iolanda. Educação em Tempos de pandemia: narrativas de professores (es) de escolas públicas rurais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biografia**, v.5, n.16, p. 1614 – 1631, 2020

FECAMPO, Faculdade de Educação do Campo. Projeto Político do Curso Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Marabá.2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MATTOSO-CÂMARA, J. **Língua e cultura**. Letras, Curitiba, v 4, 1955.

ROBI, Affonso., **Língua e “recorte” da realidade: uma abordagem da relação língua – cultura** Letras, Curitiba, (24): 3-20, Dez. 1975.

ROCHA, Eliene Novaes. PASSOS, Joana Célia dos. CARVALHO, Raquel Alves de. **Educação do Campo: Um olhar panorâmico**. [s.d.]

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto) Biografia, histórias de vida e práticas de formação**, Salvador: EDUFBA, 2007.p 310.